

## Metacognição e Ergoavaliação: Práticas para Estimular a Participação e a Ética na Sala de Aula

Mariana Veríssimo<sup>1</sup>  
Rafael Teles de Freitas<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste relato, situado no contexto do Programa Residência Pedagógica (PRP) da CAPES, nos debruçamos sobre práticas pedagógicas emancipatórias em uma escola estadual em Belo Horizonte. A experiência empregou a Técnica dos Seis Chapéus de Edward de Bono e a Filosofia para Crianças de Matthew Lipman, não como instrumentos para mensuração de resultados, mas como estratégias dialógicas que potencializaram, por meio da metacognição, a consciência crítica, ética e estética dos estudantes. Tais abordagens têm como objetivo a formação de cidadãos ativos e responsáveis na (co)construção de uma sociedade democrática, justa, inclusiva e solidária. Esta experiência também mostra a noção de ergoavaliação, arcabouço teórico da ergologia, como um elemento de compreensão do processo formativo e das condições para a realização das aprendizagens centralizadas na experiência humana em sua multiplicidade, superando a autorregulação. Ademais, este constructo sublinha as condições materiais e simbólicas, recursos e a dinâmica coletiva da sala de aula como elementos intrínsecos ao processo educativo. Para isso, usamos Fichas Metacognitivas para estimular a autoconsciência reflexiva dos estudantes e tornar visíveis as nuances da prática educativa colaborativa. Ao focar na ergoavaliação, os dados sugerem que os estudantes, além de aprimorar a qualidade de sua participação, tornaram-se mais conscientes de seu papel como membros de uma comunidade educativa.

**Palavras-chave:** Ergoavaliação, Ergologia, Filosofia para Crianças, Metacognição, Técnica dos Seis Chapéus.

### INTRODUÇÃO

Saviani (2019) ressalta a conexão intrínseca entre educação e sociedade, destacando que a educação surge do mesmo processo que originou o ser humano. Segundo o autor:

[...] em consequência do fenômeno acima apontado, o homem tem de se apropriar da natureza e transformá-la de acordo com suas necessidades, sem o que ele perece. Para continuar existindo o homem necessita produzir sua própria existência. E a forma de sua existência é determinada pelo modo como ele a produz ou, já que o homem só existe em sociedade, a forma da sociedade é determinada pelo modo como é produzida a existência humana em seu conjunto. (SAVIANI, 2019, p. 49).

Nesse contexto histórico e social, que se constitui a partir da relação humana com a natureza e com seus semelhantes, a educação possibilita a apropriação do conhecimento

<sup>1</sup>Doutora em Filosofia pela Université d'Aix-Marseille I-França e Doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, pela Faculdade de Educação da UFMG. Professora Adjunto IV do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, [mverissimo@pucminas.br](mailto:mverissimo@pucminas.br);

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, [rafael.freitas.1303164@sga.pucminas.br](mailto:rafael.freitas.1303164@sga.pucminas.br).

produzido e a participação na construção de novos saberes. Assim, a educação se configura como uma prática constante de pesquisa voltada para a transformação da realidade em função das necessidades humanas.

Paralelamente, de acordo com o Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/1996, a educação é um processo amplo que engloba diversas esferas da vida, tais como a família, o trabalho, as instituições de ensino e pesquisa, os movimentos sociais, as organizações da sociedade civil e as manifestações culturais (Brasil, 1996). Essa legislação ressalta que a educação, além de abrangente, não se limita à escola, mas estende-se para além dela, envolvendo diferentes formas de aprendizagem e desenvolvimento que ocorrem ao longo da vida.

Ao analisar o conceito de educação a partir desses dois referenciais, percebe-se que ela está vinculada ao conhecimento, à pesquisa e à prática, sendo uma práxis constante que transcende a sala de aula e a escola.

Assim, o papel da educação no século XXI vem se transformando; busca-se cada vez mais formar pessoas emancipadas, autônomas, reflexivas e críticas, capazes de promover a construção de conhecimento por meio da escola. Essas habilidades vão além do domínio de conteúdos específicos e se estendem ao desenvolvimento metacognitivo dos estudantes, aspecto crucial tanto para o desempenho escolar quanto para a vida pessoal. Compreender a complexidade desse cenário demanda um olhar atento à atmosfera educacional, às particularidades dos discentes e às estratégias pedagógicas empregadas.

Este relato de experiência, portanto, vinculado ao Programa Residência Pedagógica (PRP) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), analisa a implementação de uma prática pedagógica que buscou potencializar a metacognição em um grupo de 12 estudantes do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Belo Horizonte, Minas Gerais.

A motivação para essa intervenção teve origem no desafio observado em uma sala de aula dessa escola, que é promover a ergoavaliação em detrimento da autorregulação e estimular a metacognição nos estudantes, competências que são fundamentais para o desenvolvimento escolar e pessoal, assim como para a formação de cidadãos autônomos, críticos, comprometidos e responsáveis com a construção de uma sociedade justa, inclusiva e solidária.

Dito isto, este relato procura responder à seguinte questão: como potencializar a metacognição, a ergoavaliação (Silva, 2021) e o comportamento ético desses estudantes do primeiro ano, recém-ingressos no ensino fundamental?

Propomos que a implementação conjunta da Técnica dos Seis Chapéus, proposta por Edward de Bono (1933-2021), e da Filosofia para Crianças, conceituada por Matthew Lipman (1923-2010), pode ter o potencial de promover de maneira significativa o aprimoramento das habilidades supracitadas.

A Técnica dos Seis Chapéus, conforme proposta por Bono (1985), tem como objetivo estimular a mudança de perspectivas e a avaliação crítica, habilidades essenciais para o desenvolvimento metacognitivo (Flavell, 1979) – um componente vital da ergoavaliação que propõe a superação da autorregulação (Zimmerman; Schunk, 2011).

Concomitantemente, a Filosofia para Crianças, desenvolvida por Lipman na década de 1970, incentiva o pensamento crítico e a capacidade de questionamento, contribuindo para o diálogo e a postura ética dos estudantes.

A relevância deste relato, portanto, justifica-se não apenas pelo seu potencial em contribuir para a formação integral dos estudantes, mas também pela sua contribuição para a compreensão da influência de estratégias pedagógicas para estimular a ergoavaliação ao invés da autorregulação, favorecendo o desenvolvimento ético dos estudantes tanto no ambiente educacional quanto fora dele.

## **DA AUTORREGULAÇÃO À ERGOAVALIAÇÃO**

A fim de elaborar uma análise consequente da implementação da Técnica dos Seis Chapéus e da Filosofia para Crianças em nossa prática pedagógica, faz-se necessário discutir alguns conceitos que fundamentaram o trabalho realizado em sala de aula.

Primeiramente, é importante entender o conceito de autorregulação e a relevância desta habilidade e competência no contexto educacional a fim de destacar a ergoavaliação como possibilidade de promover avanços no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Zimmerman e Schunk (2011), a autorregulação é um processo pelo qual o estudante estrutura, monitora e avalia seu próprio aprendizado. Isso envolve uma conduta consciente, autorreflexiva e proativa, incluindo fatores como autoconhecimento, autorreflexão, controle de pensamentos, domínio emocional e mudança comportamental.

Complementarmente, Flavell (1979) e Brown (1987) exploram a ideia de metacognição como uma habilidade essencial para a autorregulação. A metacognição refere-se ao conhecimento e controle que um indivíduo exerce sobre os seus próprios processos de pensamento. Isso implica, por exemplo, ser capaz de planejar uma tarefa, monitorar o próprio desempenho e ajustar as estratégias de aprendizagem conforme necessário (Flavell, 1979). Essa

capacidade de compreender o próprio processo cognitivo é fundamental para a autorregulação, pois permite ao estudante ter consciência e controle sobre o seu processo de aprendizagem (Zimmerman; Schunk, 2011).

Canguilhem, filósofo e médico francês, se interessou e foi observador da regulação e afirmava que os organismos vivos possuem um sistema de autorregulação extremamente sofisticado. Entretanto Canguilhem afirmava que uma sociedade não tem finalidade própria, embora tenha regras, leis e regulações, mas não tem autorregulação e nem justiça social espontânea. Portanto, a regulação é sempre precária e em seu estado normal é geralmente a desordem.

Entretanto, entendemos que as “abordagens da regulação” ou “escolas da regulação” têm sempre como objetivo produzir um resultado “acabado em sua essência”. Essa noção ultrapassa a noção de reprodução e faz dupla com a noção de crise, pois a crise acontece quando a regulação não tem mais efeito. Portanto, a noção de regulação tem um viés funcionalista.

Neste sentido, o conceito de autorregulação quando usado na educação carrega toda essa compreensão da regulação econômica e estruturalista que não tem relação com a educação como fenômeno vital humano. Ficamos atentos para não associarmos educação à fecundação recíproca entre história e teorias econômicas convocadas para elaborar um conjunto hierárquico de conceitos instrumentalizadores usuais da escola da regulação tais como: regime de acumulação, modo de regulação, regulação mercadológica indicando como distinguir diferentes níveis e tipos de crise por meio de uma proposta de um protocolo científico metodológico que permite implementar essa construção. Neste sentido, propomos a noção de ergoavaliação.

A ergoavaliação é uma noção nova que faz parte do arcabouço teórico da ergologia, uma abordagem teórica que toma como noção central a atividade humana. A noção de atividade para a ergologia não tem o significado de ação, trabalho, tarefa e nem função, mas se refere sempre a um debate de normas, a dramáticas dos usos de si por si e pelos outros e ainda um élan de vida de todo humano em luta contínua contra a inércia.

Os debates de normas e as dramáticas dos usos de si por si e pelos outros bem como o élan de vida se passam em um corpo-si que é um corpo humano físico, biológico, histórico, social, cultural, e intelectual. Todas estas e outras dimensões compõem o corpo humano de forma amalgamada pela atividade.

Enquanto está vivo o humano está em atividade, portanto ele não faz atividade e nem realiza atividade, visto que para a ergologia a atividade é algo que se passa no íntimo de cada pessoa. O corpo-si é um centro de vivências indissociáveis que não se permite fragmentar e nem se permite ser heterodeterminado.

Nesse conjunto de noções ergológicas se encontra a ergoavaliação que possibilita fugir do conceito de autorregulação que nos remete ao viés econômico, conforme explicitado anteriormente “[...] valores permeiam tanto os momentos de se pensar a avaliação (prescrição) quanto os momentos de praticá-la (realização)” (Silva, 2021, p. 64).

A ergoavaliação, no contexto trazido neste texto, não se refere à avaliação restrita dos(as) alunos(as) sobre o que construíram como saberes investidos em seus corpos-si, mas a compreensão do processo formativo, das condições materiais e imateriais para a realização das aprendizagens, da disponibilidade de recursos, das aulas e da instituição, da prática da professora regente, e dos residentes bem como da (auto)prática nas situações propostas durante a dinâmica e outros elementos provenientes do processo. Como apontado anteriormente, a noção de ergoavaliação pressupõe o ergoengajamento dos(as) alunos(as) ao atribuírem, a eles(as) mesmos(as), uma nota (valor) após o momento ergoformativo.

## **MOMENTO FORMATIVO**

Tendo em vista a importância da formação que conduz à ergoavaliação, as estratégias pedagógicas utilizadas em nossa experiência foram embasadas principalmente na obra de Edward de Bono, com a técnica dos Seis Chapéus, e a proposta de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Ambas as propostas, conforme discutiremos mais adiante, promovem a metacognição como condição indispensável para a ergoavaliação ao estimular a capacidade dos estudantes de questionar, mudar de perspectiva e avaliar criticamente de forma autônoma.

A técnica dos Seis Chapéus é a forma de estruturar o pensamento, permitindo que as pessoas considerem problemas e situações a partir de diferentes perspectivas. Cada chapéu representa uma forma distinta de pensar, encorajando o pensamento paralelo em vez de confrontativo (Bono, 1985). Isso fomenta a reflexão crítica e a perspectivização.

Já a Filosofia para Crianças tem o objetivo de estimular o pensamento crítico e a capacidade de questionamento desde a infância. Através de discussões filosóficas e da análise de conceitos complexos, os estudantes são incentivados a desenvolver habilidades de pensamento crítico e reflexivo (Leleux, 2007).

Assim, nossa abordagem pedagógica, firmada na implementação dessas estratégias, parte da premissa de que a habilidade do pensamento crítico e reflexivo, estimulada pela metacognição, é a base para a melhoria das habilidades mencionadas anteriormente.

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA**

Não tomaremos como sinônimas as noções de prática educativa e prática pedagógica. Consideramos prática educativa, o trabalho realizado para a implementação de processos educacionais (Franco, 2016) e prática pedagógica as noções e conceitos que fundamentam as práticas educativas (Franco, 2020).

Portanto, a prática educativa, no sentido ontológico, constitui um conjunto de “práticas sociais que agem e interferem nas ações das pessoas, de modo amplo, difuso e imprevisível” (Franco, 2020). Nesse sentido, prática educativa é o conjunto de ações planejadas, constituídas e instituídas em espaços educativos que objetivam criar oportunidades de acesso a informações e aos saberes constituídos para que se construam saberes investidos no corpo-si de cada participante da prática educativa (Veríssimo, 2015).

O saber investido é construído durante o trabalho docente como atividade humana e não está registrado, catalogado, sistematizado e nem escrito. Trata-se de um saber muitas vezes escondido, mas investido no corpo-si de quem está em atividade (Veríssimo, 2015). Para Schwartz (2010) os saberes investidos “são saberes que ocorrem em aderência, em capilaridade com a gestão de todas as situações de trabalho, elas mesmas adquiridas nas trajetórias individuais e coletivas singulares” (Schwartz, 2010, p. 44). Esses saberes estão escondidos no corpo-si e podem ser conscientes ou não, mas estão lá, guardados na memória do corpo (Veríssimo, 2015).

Uma prática pedagógica pode ser composta por “ação consciente” ou “não consciente” visto que é difícil estabelecer os limites entre o que é “consciente” e o que é “não consciente”, que se baseia nas múltiplas determinações sociais. A intenção de uma prática pedagógica pode possibilitar atender as demandas educacionais de uma determinada turma ou sala de aula. Para realizar uma prática pedagógica, o corpo-si de cada pessoa envolvida nessa prática, convoca e mobiliza seus saberes investidos no momento em que as normas, os recursos, as orientações ou as palavras são insuficientes para a realização do trabalho (Veríssimo, 2010).

Toda prática pedagógica deve considerar que cada trabalhador e como consideramos o estudo um trabalho pesado, o estudante é um trabalhador que se envolve de maneira particular no trabalho de construir e investir saberes em seu corpo-si. Esse envolvimento se estabelece com base nos saberes investidos no corpo-si de cada humano e em seus valores.

Nesse sentido, esse relato de experiência reflexivo descreve uma prática pedagógica realizada durante o primeiro semestre de 2023, no contexto do Programa Residência Pedagógica (PRP), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do curso de Pedagogia de uma Universidade. A experiência ocorreu em uma turma

constituída por 12 alunos com idades entre 6 e 7 anos do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola estadual em Belo Horizonte.

Em relação ao ambiente, as características comportamentais típicas para essa faixa etária estavam presentes, tais como a movimentação desordenada pela sala de aula, conversas em alto volume e interrupções frequentes na fala do colega. Esses aspectos sinalizaram a necessidade de uma prática pedagógica focada no desenvolvimento de habilidades metacognitivas, que foi o cerne da nossa intervenção.

Para a Técnica dos Seis Chapéus, foram utilizados chapéus de papel, produzidos pelos próprios estudantes sob orientação da professora regente/tutora e da equipe de residentes, em uma atividade prévia que envolveu a coloração dos chapéus de acordo com as cores da técnica: branco, vermelho, preto, amarelo, verde e azul.

No que diz respeito à implementação da Filosofia para Crianças, o material central foi o livro "O Grúfalo", escolhido pelo seu conteúdo adequado à faixa etária e pela possibilidade de despertar reflexões pertinentes para o diálogo entre os estudantes.

A estrutura da intervenção foi dividida em três momentos principais. O primeiro encontro teve como foco a construção coletiva de regras de convivência na sala de aula, promovendo o engajamento dos estudantes na criação de um ambiente harmônico para a aprendizagem. O segundo encontro, na semana subsequente, envolveu a implementação da Técnica dos Seis Chapéus. O terceiro, por sua vez, introduziu a Filosofia para Crianças, a partir da discussão do livro "O Grúfalo".

Assim, na prática, no primeiro encontro, o foco estava na construção coletiva de regras de convivência na sala de aula. Este momento tinha como objetivo promover o engajamento dos estudantes na criação de um ambiente saudável para a aprendizagem. Foi uma oportunidade para os estudantes participarem ativamente na definição de acordos de convivência, colaborando para estabelecer um espaço seguro e respeitoso para a troca de ideias. Esta atividade também serviu para estabelecer as expectativas para os próximos encontros, enfatizando a responsabilidade compartilhada no processo de aprendizagem.

Durante a aplicação da Técnica dos Seis Chapéus, a turma foi dividida em seis duplas e foi apresentado aos estudantes um dilema, a partir do qual eles deveriam analisar a situação utilizando cada um dos seis chapéus. O dilema hipotético foi a situação de um estudante que não fez o dever de casa e, por isso, ficaria sem o recreio.

Utilizando os chapéus, os estudantes, em pares, exploraram os fatos (chapéu branco), as emoções envolvidas (chapéu vermelho), os aspectos negativos (chapéu preto), os positivos

(chapéu amarelo), propuseram soluções criativas (chapéu verde) e, por fim, formularam uma conclusão (chapéu azul).

O terceiro e último encontro introduziu a Filosofia para Crianças, a partir da discussão do livro "O Grúfalo". Este momento foi importante para promover uma análise profunda e reflexiva entre os estudantes, incentivando-os a pensar além do texto e relacionar as situações apresentadas na história com suas próprias experiências e o mundo ao seu redor.

Este trabalho pedagógico foi desenvolvido para promover a metacognição e a ergoavaliação, considerando o impacto positivo que essas habilidades podem ter no desempenho escolar e no desenvolvimento integral dos estudantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da intervenção pedagógica, os estudantes foram convidados a refletir sobre sua participação, atenção, percepção do encontro, avaliação da professora e expectativas para a próxima aula por meio de uma Ficha Metacognitiva. A análise dessas respostas forneceu informações valiosas sobre a percepção dos estudantes em relação à metodologia empregada e ao ambiente da sala de aula.

**Quadro 1 – Ficha Metacognitiva do primeiro encontro**

Categorias	Escala de <i>Likert</i>				
	Muito Boa	Boa	Razoável	Ruim	Muito Ruim
Pergunta					
1 - Como foi minha participação hoje?	8	2	1	1	-
2 - Como foi a minha atenção na aula de hoje?	7	3	2	1	1
3 - Como foi a aula de hoje?	8	4	-	-	-
4 - Como foi a minha professora?	11	1	-	-	-
5 - Como está a minha expectativa para o próximo encontro?	12	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

De maneira geral, a maioria das respostas indicou uma avaliação positiva da experiência. Na primeira aula, a maioria dos estudantes classificou sua participação como "muito boa" (8 de 12) e a aula como "muito boa" (8 de 12). A avaliação da professora foi ainda mais positiva, com 11 de 12 estudantes avaliando-a como "muito boa", refletindo uma aceitação inicial da metodologia proposta e da condução dos encontros pelas professoras.

**Quadro 2 – Ficha Metacognitiva do segundo encontro**

Categorias	Escala de Likert				
	Pergunta	Muito Boa	Boa	Razoável	Ruim
1 - Como foi minha participação hoje?	9	2	-	-	1
2 - Como foi a minha atenção na aula de hoje?	9	2	1	-	-
3 - Como foi a aula de hoje?	10	1	-	-	-
4 - Como foi a minha professora?	12	-	-	-	-
5 - Como está a minha expectativa para o próximo encontro?	12	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

No segundo encontro, que envolveu a Técnica dos Seis Chapéus, as respostas se mantiveram semelhantes, com ligeira melhora na atenção dos estudantes, que saiu de 7 para 9 estudantes e na avaliação da aula, considerada "muito boa" por 10 dos 12 estudantes.

**Quadro 3 – Ficha Metacognitiva do terceiro encontro**

Categorias	Escala de Likert				
	Pergunta	Muito Boa	Boa	Razoável	Ruim
1 - Como foi minha participação hoje?	9	1	-	-	-
2 - Como foi a minha atenção na aula de hoje?	9	1	-	-	-
3 - Como foi a aula de hoje?	9	1	-	-	-
4 - Como foi a minha professora?	10	-	-	-	-
5 - Como está a Minha expectativa para o próximo encontro?	10	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Ao contrário dos dois primeiros encontros, no terceiro, houve dois estudantes ausentes. O padrão se manteve na terceira aula, dedicada à Filosofia para Crianças, sugerindo que as práticas pedagógicas foram bem aceitas pelos estudantes e favoreceram o engajamento e a participação durante as aulas.

Além disso, é importante notar que a avaliação da própria participação e atenção dos estudantes aponta para um processo de autorreflexão crítica e ergoavaliação, uma vez que eles foram capazes de identificar diferentes níveis de envolvimento e foco pessoal em cada aula. Esse resultado vai ao encontro do que afirma Silva (2021), que destaca o papel da metacognição na promoção da ergoavaliação e do engajamento dos estudantes no seu processo formativo que os conduz a investir saberes no corpo-si.

A observação da preceptora do projeto, que acompanha os residentes e que também é a professora regente da turma onde foi feita a experiência, forneceu dados relevantes. Ela relatou que verificou uma melhora perceptível no comportamento dos estudantes após os três encontros

da intervenção pedagógica, incluindo a diminuição da movimentação desordenada pela sala de aula, conversas em alto volume e interrupções frequentes na fala do colega. Este resultado ressalta o potencial das técnicas aplicadas para promover um ambiente de aprendizagem mais saudável, conforme sugerido por autores como Bono (1985) e Leleux (2007).

Estes resultados, embora preliminares, corroboram a literatura de Flavell (1979), Brown (1987) e Silva (2021) que evidenciam o potencial da metacognição e da ergoavaliação para melhorar promover a aprendizagem de valores éticos, estéticos e culturais bem como o comportamento cuidadoso e respeitoso entre os estudantes.

Além disso, destacam a relevância da aplicação prática de técnicas como a dos Seis Chapéus e a da Filosofia para Crianças no contexto educacional. A continuidade da aplicação dessas práticas e a realização de novos estudos podem oferecer dados relevantes para otimizar estratégias pedagógicas e melhorar a experiência educacional dos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo principal desta prática em sala de aula foi promover a metacognição e a ergoavaliação para o desenvolvimento dos estudantes por meio da implementação da técnica dos Seis Chapéus e da Filosofia para Crianças. A experiência visava igualmente potencializar a metacognição, a ergoavaliação e o comportamento ético e estético dos estudantes em sala de aula a fim de promover a interação e socialização baseada na preservação do bem comum.

Com base nos resultados obtidos através das Fichas Metacognitivas, bem como a observação da professora regente, é possível afirmar que os objetivos foram alcançados de maneira satisfatória. Uma parte significativa dos estudantes avaliou positivamente sua participação, os encontros e suas expectativas, indicando um engajamento efetivo e a identificação com a prática pedagógica. Adicionalmente, o retorno dos estudantes sugeriu que eles estavam conscientes de sua aprendizagem e capazes de refletir sobre suas experiências educacionais – uma evidência direta do desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

Além disso, o impacto desta prática estendeu-se além da aprendizagem individual, melhorando a dinâmica geral da sala de aula. A percepção da professora regente apontou para uma redução significativa de comportamentos disruptivos e um aumento na harmonia na sala de aula.

Os resultados positivos desta prática pedagógica, portanto, reiteram a relevância e a eficácia das intervenções pedagógicas e da promoção da metacognição na educação. Eles

demonstram como estratégias centradas no estudante podem facilitar não só a aprendizagem, mas também a criação de um ambiente de sala de aula mais respeitoso e harmônico.

Para finalizar, esta experiência reforça a importância de se continuar explorando e implementando essas estratégias pedagógicas que promovem o autoconhecimento e a ergoavaliação. A pesquisa em torno de tais métodos deve ser incentivada, para permitir o aperfeiçoamento contínuo das práticas educativas, com o intuito de favorecer a criação de experiências de aprendizagem cada vez mais significativas e eficazes para os estudantes.

## REFERÊNCIAS

BONO, E de. **Six Thinking Hats**. Boston: Little, Brown and Company, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BROWN, A. L. Metacognition, executive control, self-regulation, and other more mysterious mechanisms. In: WEINERT, F. E.; KLUWE, R. (Org.). **Metacognition, motivation, and understanding**. Hillsdale: Erlbaum, 1987.

CANGUILHEM, Georges. **Le normal et le Pathologique**. Paris, PUF, 1966

DONALDSON, Júlia. **O Grúfalo**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Editora Brinque-Book, 2003. Disponível em: <https://a.co/d/e3HzKs6>. Acesso em: 17 jun. 2023.

FLAVELL, J. H. **Metacognition and cognitive monitoring**: A new area of cognitive-developmental inquiry. *American Psychologist*, v. 34, n. 10, p. 906-911, 1979.

FRANCO, M. A. R. S. A. Práticas educativas e prática pedagógicas: questões epistemológicas. **Reflexões que transformam e inspiram**, Mamanguape, n. 9, ago. 2020. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/laconexao/contents/documentos/experiencias-e-reflexoes-pedagogicas/reflexao-09-praticas-educativas-e-praticas-pedagogicas-questoes-epistemologicas.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.

LELEUX, C. **Filosofia para Crianças: O Modelo de Matthew Lipman em Discussão**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SAVIANI, Demerval . **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2019.

SCHWARTZ, Yves. A experiência é formadora? **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, jan./abr. 2010.

SOARES, Jurandir. **Ergoavaliação: a avaliação educacional sob nova perspectiva**. In: VERÍSSIMO, Mariana; OLIVEIRA, Maria das Graças; SOARES DA SILVA, Jurandir; FARIA, Eni de (Org.). **Dramáticas dos usos de si na sala de aula: Abordagem Ergológica**

ou o ponto de vista da atividade. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2021. v. 1, p. 61-76.

VERÍSSIMO, M. *et al.* (orgs.). **Dramáticas dos usos de si na sala de aula: Abordagem Ergológica ou ponto de vista da atividade.** Curitiba, PR: Editora CRV, 2021. DOI: 10.24824/978652511001.1.

VERÍSSIMO, M. Elementos para construção da noção de saber investido. **Trabalho & Educação.** Belo Horizonte, v. 24, n.2, p. 295-313, mai-ago, 2015.

VERÍSSIMO, M. **O saber investido pela atividade de trabalho no “corpo-si”: a experiência de escrita dos trabalhadores estudantes de uma indústria no Brasil.** 2010. 238 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Institut d’Ergologie. Aix-Marseille Université, Aix-en-Provence, 2010.

ZIMMERMAN, B. J.; SCHUNK, D. H. **Handbook of Self-Regulation of Learning and Performance.** Nova York: Routledge, 2011.